

Série Trajetórias

Palestrante: Mercedes Reis Pequeno

Data: 08/07/01

Hora: 18:30 h.

Local: Academia Brasileira de Música

Maestro Edino Krieger

Boa noite amigos,

Nós estamos aqui hoje com uma casa particularmente florida, sobretudo pela presença maciça de representantes da nossa terceira infância. E tudo isso para receber aqui uma das pessoas mais queridas do meio musical, eu nem diria do Rio, mas do Brasil, porque ela, na verdade, é uma figura nacional e tem uma importância, uma projeção nacional pelo trabalho que ela vem desenvolvendo ao longo dessa sua vida tão cheia de coisas bonitas, de dedicação à causa da música. A Mercedes Reis Pequeno é uma figura emblemática do nosso meio. E por sorte nossa, ela também faz parte dessa nossa família da Academia Brasileira de Música. Então, eu queria pedir ao maestro e acadêmico Ricardo Tacuchian que fizesse a saudação, que certamente ele fará melhor do que eu, à nossa querida palestrante de hoje.

Maestro Ricardo Tacuchian

Eu não creio que faria a saudação à nossa querida Mercedes tão bem nem melhor que o maestro Edino Krieger, mas para obedecer a uma norma dessa casa, coube a mim fazer essa introdução de Mercedes Reis Pequeno a todos vocês. Não é uma apresentação, óbvio, porque isso seria absolutamente desnecessário. Quando nós fazemos a apresentação de uma personalidade como a de Mercedes, a nossa primeira tentativa é focalizar o aspecto do saber, do conhecimento, da cultura, da experiência, da trajetória, da vida, da personalidade, isso é uma tentação. No caso da Mercedes, nós não só a conhecemos, como participamos de sua trajetória, porque durante muitos anos ela cuidou de um setor da vida musical do Rio de Janeiro, em que ela era única, ela era absoluta. Hoje esses conhecimentos de registro bibliográficos da biblioteca de música já estão bastante difundidos, mas na época da Mercedes, ela reinava sozinha. Ela era a rainha-mãe, a rainha-avó e a rainha-filha ao mesmo tempo e nós, no contato quase que constante com Mercedes lá no velho prédio da Biblioteca Nacional e depois com a transferência para o novo local que todos nós conhecemos, Mercedes estava sempre lá, atenta, sempre nos ensinando, nos orientando e a cada contato que tínhamos com ela, nós saíamos intelectualmente enriquecidos. Mas não é esse o aspecto intelectual que eu quero focalizar agora. Também é o aspecto afetivo.

Todos nós sabemos que a Mercedes é uma criatura extremamente amorosa, extremamente afetiva. É uma pessoa que gosta, não precisa dizer do quê, ela simplesmente gosta e nós temos um prazer grande em conviver com ela, de estar com ela e de sentir esse carinho que é ao mesmo tempo uma afeição, uma preocupação acadêmica e uma preocupação intelectual, que ela tem por quem precisa dela. Eu vou deixar também esse aspecto de lado, para chamar atenção para outro aspecto, que talvez hoje esteja um pouco para baixo, mas que se nós pensarmos bem é o valor ativo da nossa

personalidade. Nós estamos vivendo tempos difíceis. Muita gente diz: “bom, mas sempre se falou que se vivem tempos difíceis, isso é uma mania dos outros de achar que o seu tempo é o mais difícil”. Mas, tenho a impressão que nós estamos vivendo uma grande crise de valores nesse determinado momento, mas eu não falo isso com amargura não. Eu acredito que nós vamos caminhar a passos largos para vencer esse período e essa inversão de valores que nós vivemos em todos os meios, nas ruas, na academia, na política, nós iremos vencer e esse aspecto “valorativo” é o aspecto que eu gostaria de focalizar ao apresentar a Mercedes hoje e eu digo isso a partir de um fato muito concreto e muito ligado à nossa vida acadêmica.

Há alguns anos, aqui no convívio acadêmico, surgiu a ideia de retornarmos àquele projeto da Bibliografia Musical Brasileira, da qual Mercedes tinha participado na primeira metade do século passado. Vamos retomar esse projeto porque nós acreditamos que esse vai ser o maior instrumento musicológico que já se fez nesse país até hoje. Eu, pelo menos, não tenho a menor dúvida.

Isso é uma tarefa gigantesca, é uma tarefa para uma pessoa muito jovem, muito forte, muito ativa e muito preparada. E quem foi essa pessoa muito jovem? E que acima de tudo tem um critério de valor, o que está em crise hoje em dia? Essa pessoa jovem foi a Mercedes Reis Pequeno e ela abraçou isso com um entusiasmo, ela liderou uma equipe de pessoas também muito jovens, com uma idade média de 70 anos para cima e conseguiu realizar o projeto que a Academia está acabando de lançar *on line* para todo o mundo, para todo o universo. O mais surpreendente é que nós sabemos hoje que os nossos filhos, os nossos netos, eles têm uma habilidade de lidar com o universo digital, uma facilidade de aprendizado muito grande e eles nos ensinam como lidar com isso. Nós, ainda meio atordoados nesse período da humanidade, que é a velocidade da comunicação, nos espantamos ao verificarmos que a Mercedes resolveu introduzir-se nesse mundo da virtualidade e como ela transitou bem nisso, porque hoje em dia não podemos fazer nada que não possa ser transitável pela virtualidade.

Só existe no mundo de hoje aqueles que passam a ser reduzidos matematicamente a um ou a zero e Mercedes confortavelmente tranqüila, nos deu uma lição de valor muito grande, que foi o valor da vida para a vida. Não existe época, não existe tempo, não existe hora, não existe momento. A qualquer momento, se nós damos valor a uma coisa, se nós acreditamos naquela coisa, nós temos condições de fazê-la. Então, foi essa visão valorativa que Mercedes deu para a Academia e que ela está dando para todo o Brasil. Com esse depoimento, que está sendo ansiosamente esperado, eu tenho certeza de que nós vamos sair daqui enriquecidos, atentos para essa questão do valor, do aspecto valorativo da personalidade e amando mais a vida, seja qual for a terceira idade ou quarta infância em que nós estejamos. Mercedes, estamos esperando as suas palavras!

Obrigada, Edino Krieger e Ricardo Tacuchian, por tanto carinho que me deixa comovida.

Quando você me convidou para participar dessa Trajetória, eu disse a você: “Acho que ninguém está interessado na minha trajetória”, mas você insistiu e eu aqui estou. Confesso que me sinto, apesar de todo o carinho com que sou recebida, uma estranha no ninho, porque não sou compositora, não sou intérprete, e não sou musicóloga, eu sou bibliotecária e é como bibliotecária que eu hoje vou falar a vocês da minha vida e da minha trajetória.

A minha infância passou-se estudando piano e no curso primário no colégio Bennett. Depois meus pais acharam que eu tinha vocação para a música e me entregaram a uma prima que morava conosco e que era pianista, aluna do Custódio Góes e que depois foi aluna da Magdalena Tagliaferro. Estudei com ela algum tempo; depois, passei para a Mima Oswald, filha do compositor Henrique Oswald, com quem estudei até ingressar na Escola de Música da então Universidade do Brasil. Porém, para ingressar na Escola de Música precisei mudar de colégio para obter um diploma oficial. Passei então para o Colégio Aldridge, quando me formei em ambos os cursos em 1937.

A mesma Mima Oswald, que além de professora era uma amiga, me levou a estudar com Tomas Terán. Feliz da vida e fascinada pelo professor, passei a me preparar para o concurso com prêmio de viagem à Europa. Justamente nessa ocasião o governo suspendeu o prêmio e, logo após, tive um problema muito sério com meu pai gravemente doente. Por muitas razões, meu entusiasmo foi arrefecendo e com isso o Brasil viu-se livre de mais uma pianista sem grande vocação. Não me arrependo porém, porque segui outro caminho, que acho estava mais de acordo com a minha vocação. Acho ser esse o segredo da vida: saber escolher seu rumo no momento exato.

Continuava ligada à Escola de Música, sempre muito interessada por música, quando conheci Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1938), que passou a ser, por toda minha vida, o grande amigo, sempre presente em todos os momentos, pessoa de quem guardo, até sua morte em 1992, lembranças muito especiais.

Luiz Heitor estava defendendo tese para a cadeira de Folclore na Escola de Música e eu me interessei pela matéria. Conheci, então, a banca examinadora: Mário de Andrade, Andrade Muricy, Brazílio Itiberê, Renato Almeida, entre outros. Terminado o concurso, soube que o curso era compulsório para alunos de composição, o que não era o meu caso. Resolvi falar com Luiz Heitor dizendo que estava muito interessada em assistir o curso programado. Fui recebida com bastante interesse e passei a assistir e participar do 1º Curso de folclore da Escola de Música. Foi nessa ocasião que eu conheci como colegas de turma Cleofe e a Ruth, as irmãs Person de Mattos.

Mais tarde, Luiz Heitor, já como professor, nos convidou, a mim e à Cleofe, para colaborarmos na “Revista Brasileira de Música”, que era o órgão oficial da Escola. Não foi um período longo, mas para mim, um período de experiência bastante interessante. Mais tarde, um intelectual norte americano amigo do Brasil e da cultura brasileira, William Berrian, convidou Luiz Heitor para assumir a responsabilidade da parte de música do Handbook of Brazilian Studies. A convite do Luiz Heitor, e sob sua direção, Cleofe e eu fomos trabalhar nesse projeto que consistia num amplo levantamento bibliográfico sobre música no Brasil. Terminado o trabalho, a colheita tinha crescido tanto que já ultrapassava o limite exigido. Então, Luiz Heitor chegou à conclusão de que seria interessante preparar uma obra independente e assim surgiu a Bibliografia Musical Brasileira – BMB I, como nós chamávamos, dirigida pelo Luiz Heitor e com a colaboração da Cleofe e minha. Terminado esse trabalho, eu tinha que tomar um rumo na vida. Aquilo tinha sido um capítulo proporcionado pelo Luiz Heitor que terminara.

Como minha mãe professora trabalhava com Villa-Lobos, aliás, uma grande amiga dele e muito querida por ele, me interessei pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e cursei dois anos;

mas vi que não era também a minha vocação, embora tivesse tido professores excelentes como Andrade Muricy, que dava a parte de filosofia estética, Arnaldo Estrella, que dava análise musical, Lorenzo Fernández, que dava organologia, e outros, muitos outros. Sentindo que ainda não tinha acertado, larguei o curso no segundo ano. Novamente Luiz Heitor me convidou para secretariar Carleton Sprague Smith, que chegara como adido cultural da embaixada norte-americana. Por curiosidade, era neste mesmo prédio, onde hoje está sediada a Academia Brasileira de Música, que ele morava com a família e eu exercia a função de secretária.

Foi um período muito difícil para mim porque eu datilografava com dois dedos. Nunca fiz curso de datilografia e tinha que traduzir todo o material que ele escrevia, e ele fazia questão de ler em português e com sotaque carioca, mas foi uma fase interessante. Fazia muita pesquisa para ele e senti que estava mais no campo de trabalho de que gostava. Terminado o compromisso, resolvi: “Bem, agora eu vou é pesquisar e trabalhar com livros, vou mesmo para uma biblioteca”, e fui fazer o curso de Biblioteconomia do DASP, pretendendo fazer depois o curso da Biblioteca Nacional. Abriam, porém, um concurso na ocasião, primeiro concurso para bibliotecários (1940) e eu disse: “não, não vou perder essa chance. Inscrevi-me no concurso e graças a Deus passei. Passei bem e tinha que escolher um lugar para trabalhar e escolhi o Ministério da Educação. Fui cair no Instituto Nacional do Livro, na feliz companhia do diretor Augusto Meyer. A primeira incumbência que ele me deu quando cheguei como funcionária, foi iniciar a bibliografia brasileira que estava encalhada há anos, mas não era música, era bibliografia geral brasileira. Sempre bibliografia me perseguindo. Fiz ou melhor fizemos o trabalho em equipe e foi publicada pelo I.N.L.

A bibliografia só saiu no ano de 1946 e antes ele me incumbiu de organizar uma biblioteca demonstrativa, que era uma biblioteca padrão para os bibliotecários, porque o Instituto Nacional do Livro funcionava como uma espécie de órgão orientador das bibliotecas do Brasil inteiro, não só mandando regularmente livros como dando assistência técnica. Então, a biblioteca era uma casa para dar assistência técnica a esses bibliotecários.

Em 1947 veio um pedido do chefe da Divisão de Música da União Pan-americana, hoje Organização dos Estados Americanos; ele queria uma assistente para trabalhar com ele, mas queria uma brasileira. É uma política normal, nessas organizações latino-americanas, haver sempre elementos daqui, dali, de acolá e Sprague Smith e Luiz Heitor indicaram meu nome. Lá fui eu para os Estados Unidos (1947-49). Logo também caí nas mãos de uma pessoa fora de série - Charles Seeger, musicólogo, etnomusicólogo, homem com uma formação cultural extraordinária e que não gostava de ser chamado de Doutor. Sua personalidade, seu lado humano eram para mim mais importantes que tudo o mais. Ele me recebeu como filha e como funcionária; eu passava os fins de semana na casa dele, em companhia de sua mulher Ruth Seeger, compositora, que tinha sido aluna dele e se dedicava ao ensino de música para crianças, através do folclore infantil. Até tênis joguei com ele nesse período, porque ele gostava de esporte e aos domingos era *breakfast* ao ar livre.

Meu trabalho na União Pan-americana era um trabalho de assessoria e a correspondência era muito intensa. E uma injustiça dizer-se, como já foi dito, que Seeger não conhecia, ou não tinha fácil contato com compositores latino-americanos. Ele tinha um contato permanente e foi aí que eu conheci e vim, a saber, da existência de Domingo Santa Cruz, de Alberto Ginastera, Orrego Salas e muitos outros. Ele mantinha contatos frequentes e uma relação permanente através de

correspondência. Nessa ocasião, não havia e-mail e eu fazia essa parte de correspondência, pesquisa, etc. Nós tínhamos uma biblioteca que não era grande, mas era muito bem selecionada.

Eu tinha um contrato de dois anos e podia ter ficado mais tempo, mas não quis, embora estivesse muito feliz lá, eu achava que o meu lugar era aqui e voltei para o Instituto Nacional do Livro, que era o meu lugar permanente. Com uma licença sem vencimentos pelo trabalho nos Estados Unidos, voltei para o INL, onde já tinha conhecido outra pessoa também excepcional e que veio a ser meu marido - Evandro Moreira Pequeno. Era um homem de grande cultura, um linguista muito interessado em filologia comparada, com um vasto círculo de relações, mas o que mais gostava era de tocar violoncelo. Originalmente um fagotista, depois um violoncelista amador, de modo que, com o violoncelo dele, eu tive que voltar para o piano. Infelizmente, não foi por muito tempo, mas fizemos muita música de câmara e a título de curiosidade vou contar algo. Logo que nos casamos, morávamos no Bairro Peixoto e o apartamento era de primeiro andar alto, com uma janela enorme. Aos domingos fazíamos música, um quarteto com Edmundo Blois, violinista *spalla* da orquestra do Theatro Municipal, Ulrich Danneman que foi embora para a Alemanha, Raul Scandell, o segundo violino, que era um velho amigo nosso, o Evandro no violoncelo e eu, às vezes, no piano. As audições eram tão animadas que nós tínhamos “sereno” do lado de fora, na calçada. O pessoal ficava assistindo na rua, passavam, ouviam a música e ficavam assistindo e quando terminávamos batiam palmas!

De lá, mudamos para onde eu moro até hoje, no Leme. Continuamos com a mesma atividade e o Evandro, que tinha um espírito de bom cearense, apelidou o nosso conjunto de “Triagem Leme”, porque era o nosso trio do Leme, mas isso tudo são coisas que pertencem ao passado.

Ainda com a ideia fixa em uma seção de música, falei com o Augusto Meyer que, numa oportunidade em seu gabinete, me apresentou ao amigo Eugênio Gomes, escritor baiano especialista em Shakespeare. Por uma feliz coincidência, um mês depois Eugênio Gomes foi convidado pelo Ministro da Educação, acho que o Capanema, para dirigir a Biblioteca Nacional. Sabendo do meu interesse por música, uma semana depois ele me chamou: - você ainda tem aquela ideia? Você quer? Eu disse: - eu não quero outra coisa. Então começamos a organizar a Seção de música, com o apoio do Instituto do Livro, porque a biblioteca não tinha nada para nos oferecer, apenas nos deu 4m² no 4º andar da galeria da biblioteca, o que para nós naquela época era suficiente.(1941). Começamos com a principal preocupação de criar o acervo e, aos poucos ir desenvolvendo-o. Começamos então a garimpar a Coleção Tereza Cristina Maria da B.N, que ocupava e ocupa todo o 4º andar da asa direita do prédio. Lá encontramos, entre muitas outras peças, a preciosa edição das “Obras completas de Mozart”, por Breitkopf&Haertel. Faltavam apenas poucos volumes que fui encontrar depois, para minha grande alegria, no depósito do 6º andar. Encontramos também obras completas de Muzio Clementi, manuscritos do compositor Kozeluch muito importante naquela época e que havia sido professor da Imperatriz Leopoldina, da qual falaremos mais tarde. Cabe destacar que a coleção recebeu o nome de Tereza Cristina, por desejo de Dom Pedro II, quando o acervo foi comprado pela B.N. com a Proclamação da República. Mas é oportuno salientar que o acervo musical, pelo menos o mais importante, pertencera à imperatriz Leopoldina, e não tinha sido até então valorizado ou descoberto, bem como seu desempenho não só como musicista, vinda naquela época de Viena – centro musical de toda Europa, mas também como participante e atuante na política brasileira na época. Devemos a ela,

entre muitas outras obras, a partitura original da *Criação* de Haydn, que foi executada aqui pelo padre José Maurício Nunes Garcia.

Depois de vistoriar todo o quarto andar, anotando tudo para depois retirar, passamos para o sexto andar. O sexto andar era uma terra de ninguém, você encontrava obras de liturgia católica dos séculos XVI e XVII abandonadas ao lado de uma pilha amarrada de música popular brasileira ou de edições da Bevilacqua, Buschmann & Guimarães e Arthur Napoleão – principais casas editoras da época que, cumprindo a Lei de Contribuição legal, mandavam para a B.N. os pacotes amarrados e empilhados. Esse material foi aos poucos sendo encaminhado para o 4º andar. Tivemos surpresas no final dessa garimpagem do sexto andar, quando encontramos uma coleção de libretos de óperas ou melhor dos precusores chamados “drama per musica” trazidos por D. João VI de Portugal sendo que alguns deles aqui representados no Teatro S. João.

Retirei todo esse material e mais tarde soube que estava sendo feito um levantamento pelo musicólogo italiano Cláudio Sartori, só de libretos italianos. Então, fiz um levantamento e mandamos para ele toda a nossa coleção de “Drama per música” para figurar nesse catálogo. Infelizmente nunca tive a oportunidade de consultar essa obra em 8 volumes. A Biblioteca Nacional não tinha dinheiro na ocasião para adquirir a obra!

A terceira etapa da minha garimpagem foi na seção de manuscritos, onde sabia encontrar material de música através de um artigo que Curt Lange publicara na “Revista Estudos Musicales”. Trabalho árduo porque nada estava organizado. Fui muito bem recebida pelo professor Bicudo, que era o chefe da Seção. Quando ele soube que eu pretendia retirar aquilo tudo para a Seção de música, que nem era ainda uma Seção naquela ocasião, foi um Deus nos acuda. Felizmente, com o apoio do diretor Eugênio Gomes conseguimos retirar o material. Quando examinamos o acervo verificamos que não havia nada de especial interesse, a não ser partituras de obras que eram escritas por compositores secundários, dedicadas a Dom Pedro, visando principalmente uma remuneração, uma gratificação qualquer, mas era, sem dúvida, uma documentação da época.

Terminado esse período, surgiu o que chamo de o “marco” da seção de música. Foram muitas as dificuldades na aquisição da coleção Abraão de Carvalho, pertencente a um simples contador, grande e dedicado bibliófilo, que mantinha contato com livreiros e antiquários ingleses e que, aos poucos, formou uma biblioteca extraordinária. Ele, inclusive, franqueava essa biblioteca a todos os estudiosos, musicólogos, etc. Chegou porém a ocasião em que o acervo tinha crescido de tal maneira que ele não dispunha mais de espaço, tendo sido obrigado a mudar de casa e vender a biblioteca. Começou então a “novela”, porque o governo não tinha dinheiro, era uma transação de vulto e puxa para cá e puxa para lá, até que uma universidade americana se interessou pela coleção. Aí, como muitas vezes acontece, o governo achou logo uma solução muito curiosa: quem pagou ao Abraão de Carvalho pela biblioteca fui eu, com um cheque de dois milhões e duzentos mil cruzeiros. Não me perguntem como isso se passou, mas fui compelida a concordar para ter a biblioteca. Preenchi o cheque, eles depositaram a importância na minha conta, para eu então pagar ao Abraão. Tenho o recibo guardado até hoje.

Esta biblioteca estava depositada no porão da Biblioteca Nacional quando foi dada solução à transação. Eugênio Gomes, a amiga Cleofe e eu abrimos o primeiro caixote com champanhe e tudo

mais. Afinal, a Seção de Música ia passar a ter um acervo condigno. Esse acervo continha cerca de dezenove mil peças; a Divisão de aquisição da Biblioteca Nacional fechou para registrar exclusivamente todo esse acervo incorporando-o à B.N. Eram inúmeras as obras raras, como o “Tratado de Rameau”(1722), “A História da música”, de Giovanni Martini (1756), “A História da música”, de Charles Burney (1782) e a de John Hawkins(1776), a “Arte de canto chão” de Pedro Thalesio (1618), “Tutte lópere” de Zarlino (1588) e muito mais. Como esse bibliófilo, que não era músico, conseguiu amearhar todo esse tesouro, é um mistério.

Com a aquisição da Biblioteca Abraão de Carvalho começaram a surgir também doações que aos poucos foram enriquecendo o acervo.

Recebemos, em parte, a coleção que pertencera a Luciano Gallet, que tinha sido muito amigo de Glauco Velásquez tendo, inclusive, criado uma Sociedade Glauco Velásquez. Depois da morte do compositor, as obras foram encaminhadas para a Escola de Música da UFRJ, acho que ainda em vida do Gallet, Mais tarde, a parte que ficara com a Luiza - viúva do Gallet, depois casada com o Arthur Ramos e viúva pela segunda vez, agora do antropólogo A. Ramos, guardava ainda o material do Velazquez e quando soube que a B.N. ia comprar a biblioteca A. Ramos, pleiteei a parte do Velaquez para a Seção de Música.

Depois da coleção Luciano Gallet, veio a coleção Aires de Andrade - crítico de música do “Jornal do Brasil” e que tinha uma coleção muito boa, mas para mim o que mais valeu dessa doação depois da morte dele, foi todo o material de pesquisa que ele tinha feito e que resultou no livro publicado sobre Francisco Manoel. Lamentavelmente, por falta de formação musicológica, ele nunca citava as fontes de origem da pesquisa, embora fosse um pesquisador honesto e seguro. Atualmente todo o material de pesquisa encontra-se em pequenos caderninhos de pesquisa guardados na Seção de Música e ao alcance de qualquer pesquisador na Coleção Aires de Andrade.

Depois da morte do maestro Ruberti, recebemos muito material sobre ópera, que era sua especialidade. De Andrade Muricy, ilustre crítico de música do “Jornal do Comércio”, após sua morte recebemos também todo seu acervo livresco e ainda, em vida, a doação da coleção completa do seu roda-pé semanal – “Caminho de música”- um documentário precioso de todo o movimento musical no Rio de Janeiro de 1937 até a sua aposentadoria no “Jornal do Comércio”.

Os manuscritos do compositor Oscar Lorenzo Fernández foram doados pela viúva do compositor, acompanhada da filha Marina. Mais tarde a compositora Helza Cameu doou, ainda em vida, sua obra. Também Guerra-Peixe doou, ainda em vida, parte de suas composições. Francisco Mignone teve uma parte de suas composições doada pela viúva Maria Josephina. Uma volumosa coleção wagneriana foi doada à Seção pela família, após a morte do colecionador – um apaixonado por Wagner.

Recebemos uma parte da correspondência de Luiz Heitor, doada ainda em vida, e igualmente a coleção que havia pertencido à cantora, Maria de Sá Earp. Desejando ela peças para cantar com pequenos conjuntos, recorreu ao maestro e compositor Renzo Massarani, recém-chegado ao Brasil, que recebeu a incumbência com satisfação, pois vinha em boa ocasião. Com a morte da cantora todos esses manuscritos, para sorte da Seção de Música, vieram com a coleção da citada cantora.

Cabe destacar ainda que Massarani, mais tarde como crítico de música (inclusive gravações musicais) do “Jornal do Brasil” deixou por testamento toda sua coleção de discos para a Seção de Música, vindo a constituir o acervo inicial do Arquivo Sonoro da Seção.

Além dessas doações, achamos que tinha chegado a hora de procurar equilibrar o acervo de partituras com a compra das edições de Obras completas, indispensáveis em uma biblioteca. Começamos por Bach e Beethoven, reeditadas nos Estados Unidos por processo fotográfico, pois as edições originais Breitkopf & Haertel eram esgotadíssimas. Depois passamos a recorrer à Baerenreiter, uma grande editora alemã, que tem feito um trabalho maravilhoso em matéria de edições e reedições de obras completas. Vieram depois Mozart, Haydn, Händel, Telemann, Gluck e muitos outros compositores, todas compradas a duras penas. Também conseguimos a obra de Vivaldi e de Palestrina. Da Inglaterra vieram “Música britânica”, “Madrigais Ingleses”, etc. etc, para citar só uma parte do acervo atualmente existente.

Havia ainda na Seção um material precisando ser condignamente tratado e, como medida de emergência, visando disponibilizar esse acervo ao alcance dos estudiosos, criamos o chamado “Arquivo paralelo”, com três ramificações: material iconográfico, coleções de programas de concertos e uma terceira categoria que não se encaixava nas anteriores, mas que, indiscutivelmente, representava uma possível fonte de informação no vasto campo da música.

Em 1960, assumiu a direção da B.N. o professor e filólogo Celso Cunha, uma grande figura que muito nos apoiou em matéria de aquisição de obras e encabeçou uma reforma na administração da Biblioteca. Criaram-se várias seções - um verdadeiro “trem da alegria” como foi chamado. A nossa Seção de música que até então não existia oficialmente - funcionávamos há quase dez anos, mas oficialmente não existíamos. Foi criada uma Seção de Ecdótica (crítica textual); outra para cuidar da higienização de livros e documentos, e por fim uma Meloteca. Quando soube que haviam transformado a Seção de música em Meloteca, eu disse que melotecária eu não seria de maneira alguma! O Antônio Houaiss recuou e manteve a designação de Seção de música. Encerrando esse capítulo, gostaria de fazer uma menção especial à excelente equipe de funcionários e de colaboradores que trabalharam comigo durante todos esses anos; e, personalizando todos eles, eu gostaria de citar com destaque o nome de Thereza Aguiar Cunha, que foi minha assistente e depois me substituiu, lamentavelmente por pouco tempo.

Nós já tínhamos o acervo estruturado e agora era divulgar esse acervo, então vieram as exposições. Ainda no tempo do Eugênio Gomes foram feitas duas exposições para mostra de acervo e por solicitação especial do então diretor: “Literatura Musical Séculos XVI, XVII, XVIII”, com grande parte do material da coleção Abraão de Carvalho e muitas obras de liturgia católica já existentes na B.N. e “Coleção Thereza Christina Maria”, com obras, como já foi dito, adquiridas após a proclamação da República. Outras exposições se sucederam, em geral comemorando efemérides musicais: Haydn, Händel, Mozart, Chopin. Mais tarde uma exposição comemorando os dez anos da Seção de Musica (1952) intitulada “Música no Rio de Janeiro Imperial”. Os catálogos da B.N. eram enviados para inúmeras bibliotecas nacionais do mundo. Esse último catálogo veio a cair nas mãos do chefe da seção de música da Real Biblioteca da Dinamarca. Dr. Lund, que eu havia conhecido em um congresso, escreveu-me informando que havia encontrado uma ligação entre Brasil e a Dinamarca, já que no catálogo que eu lhe tinha enviado havia uma reprodução de um

manuscrito de Carlos Gomes, doado por D. Laura Rodrigo Otávio, que dizia: “Al amigo doutor Theodor Langaard”, e Lund dizia que Langaard era o nome de um músico dinamarquês contemporâneo.

Apresentamos ainda outra exposição “Comemorando o quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro”(1965) com uma seleção das músicas dedicadas aos diferentes bairros da cidade e ainda as inspiradas em temas como Carnaval, Teatro musicado da Praça Tiradentes, com repertório alusivo aos problemas da cidade, Epidemias que assolaram a cidade, etc. etc.

Começamos também a focalizar os compositores brasileiros. O primeiro foi Ernesto Nazareth. Dona Eulina, filha do compositor, era muito amiga de minha mãe e graças ao prestígio de minha mãe consegui que ela emprestasse e facilitasse a apresentação de todos os manuscritos musicais em seu poder. Foi esse o primeiro levantamento feito da obra de Nazareth, comemorando seu centenário do nascimento (1963). Quando encerramos a exposição fui à Dona Eulina para devolver o acervo e, para grande surpresa minha, disse ela que o acervo estaria em melhores mãos na Seção de Música. Salvou-se assim um patrimônio musical. A próxima exposição foi dedicada a Alberto Nepomuceno, também celebrando centenário do nascimento (1964) com apresentação da correspondência inédita do compositor com Darius Milhaud, graças a valiosa colaboração do neto do compositor - Sérgio Alvim Correia. De certa forma essa exposição nos levou a organizar uma outra exposição sobre a pouco conhecida estada de Milhaud no Rio de Janeiro, em 1917, como secretário de Paul Claudel e sua importante atuação no meio musical do Rio de Janeiro na época (1977).

A Exposição Glauco Velásquez (1964) foi o primeiro levantamento da obra do compositor, feito em colaboração com os manuscritos originais pertencentes à Biblioteca da Escola de Música da UFRJ. Seguiu-se a Exposição José Maurício Nunes Garcia, no centenário do nascimento do Padre Mestre em 1967. Também a Exposição Francisco Braga, com documentos inéditos, recém-adquiridos pela B.N. De particular interesse as observações feitas por Braga em sua correspondência ao chegar na Alemanha, sua visita a Bayreuth e impressões sobre a música de Wagner. É uma documentação preciosa que ainda está para ser explorada na biografia do compositor. Ao todo foram 38 exposições feitas com ou sem catálogo, dependendo da disponibilidade da ocasião.

Resta citar ainda a Exposição “Beethoven no Rio de Janeiro”, sem catálogo, mas com um desdobrado (modelo que tinha visto numa exposição em Paris) que funcionava como um roteiro para o material exposto.

Como incentivo para a implantação de um projeto da Associação Internacional de Bibliotecas de Música, organizamos uma exposição abrangendo “Três séculos da iconografia da música no Brasil” - o RIDIM, Repertório Internacional de Iconografia Musical. Interessante foi observar mais tarde, que a pesquisa feita então resultara em um levantamento, por assim dizer, exclusivamente etnográfico.

Exposições menores, menos abrangentes e sem catálogo, apresentamos ainda: de Alexandre Levy, Dinorah de Carvalho, Esther Scliar, “Wagner no Rio de Janeiro”, “Il Guarany”(1970).

Celebrando o centenário aproveitamos para apresentar ao público os manuscritos originais das partituras das óperas de Carlos Gomes que tinham sido doadas pela filha do compositor ao Museu Imperial de Petrópolis e que, com a criação do Ministério da Cultura, o então diretor E. Lacombe achou por bem transferi-las para a Seção de Música da B.N. Foram elas: *Fosca*, *Guarany*, *Salvator Rosa* e *Maria Tudor*.

Colaboramos ainda com o Museu de Artes de São Paulo em uma exposição chamada “Imagens do Brasil” realizada em Bruxelas, com uma seleção de fotos sobre música no Brasil.

Além das exposições patrocinamos duas palestras ilustradas: Koellreutter conseguiu uma doação preciosa de música alemã contemporânea e foi criado então o “Centro de Documentação Musical da Comunidade Europeia” e o antropólogo Anthony Seeger discorreu sobre várias pranchas com reproduções de instrumentos musicais indígenas que tinham sido adquiridas pela B.N., tendo até executado em alguns deles com grande sucesso.

Gostaria agora de falar dos contatos da Seção de música com o mundo exterior, principalmente através da Associação Internacional de Bibliotecas de Música. Fundada por volta de 1949, logo que soube da sua existência, me comuniquei com o Vladimir Federov, que então não era o presidente, mas o maioral da organização. Ele, Luiz Heitor e Charles Seeger eram os incentivadores e praticamente foram os fundadores do Conselho Internacional de Música e da Associação Internacional de Bibliotecas de Música. Federov era um homem de uma inteligência e uma capacidade de administração excepcional. Outra personalidade com quem tive contato nessa associação foi o musicólogo Barry Brook conhecido como o homem do Ri, dos projetos: RILM – Repertório Internacional de Literatura Musical, RIDIM – Repertório Internacional de Iconografia Musical, RIPM – Repertório Internacional de Periódicos Musicais. Todos patrocinados e desenvolvidos pela Associação Internacional de Bibliotecas de Música. Só o RISM – Repertório Internacional de Fontes Musicais, o mais antigo de todos, tinha como principal responsável o grande musicólogo Friedrich Blume.

O Brasil era dos poucos países da América Latina representados na AIBM, por isso o Federov mantinha uma correspondência muito intensa comigo, querendo sempre ampliar seu âmbito de ação em toda a América Latina. Essa correspondência pretendo doar ao arquivo central da Associação Internacional de Bibliotecas de Música, localizado na Suécia

Independente da participação nos Congressos internacionais da AIBM tive duas oportunidades de viagens: uma patrocinada pela “British Council”, que me proporcionou uma excepcional oportunidade de ampliar meus conhecimentos visitando bibliotecas e centros de documentação. Visitei em Manchester uma biblioteca que era um exemplo de biblioteca pública e ainda, na mesma viagem, graças a Willy Keller, diretor do Instituto Brasil-Alemanha, consegui uma ajuda do governo alemão para visitar todas as organizações musicais que me interessavam na Alemanha. Já tinha meu itinerário feito quando lá cheguei; eles me entregaram um cheque e até hoje não me perguntaram o que eu fiz com esse cheque. Visitei tudo que me interessava, fui a Berlim Oriental visitar a Biblioteca Prussiana, tive em mãos, com grande emoção, o manuscrito original do *Cravo bem temperado*; de Bach. Em uma sala, ou melhor sala-cofre de 4m², manuseei manuscritos de Bach, Mozart, Beethoven, Häendel, etc,etc..

Isso tudo graças às minhas viagens de participação em diferentes Congressos, desde 1962 no primeiro Congresso em Estocolmo. Depois Dijon, quando os franceses quiseram superar tudo o mais. Por estarmos na região dos vinhedos por excelência, uma beleza de vinhos, de natureza e de tudo o que se possa imaginar ainda um congresso em Nova York muito bem organizado, outro em Jerusalém que até hoje deixa lembranças.

Dois prêmios a mim concedidos me deixaram bastante emocionada: o prêmio Paula Brito, dado pela Secretaria de Cultura do Estado como bibliotecária e o prêmio Estácio de Sá, dado pelo Museu da Imagem e do Som, no setor de Música.

Em 1990, estava eu em plena atividade, quando fui comunicada pelo ilustríssimo presidente Fernando Collor, que tinha sido posta em disponibilidade junto com todos os outros funcionários estatutários da Biblioteca Nacional. No dia seguinte, passei a assinar o ponto em uma mesinha no Ministério da Educação. Na mesma hora, entrei com meu pedido de aposentadoria, pois eu já tinha dado ao governo quarenta e seis anos de trabalho. Felizmente, estava em Brasília o meu querido amigo Vicente Salles, que também estava se aposentando. Graças ao amigo, minha aposentadoria saiu rapidíssima e vim para casa. Não vim feliz, vim chocada e abalada, muito abalada mesmo.

Em 1991, assumiu a direção da Biblioteca Nacional o poeta Afonso Romano de Santana e me convidou para fazer a exposição “Mozart no Rio de Janeiro”, tema por mim escolhido, celebrando o centenário da morte do compositor. Pouco tempo depois me distinguiram com a medalha “Biblioteca Nacional”, o que me deixou muito sensibilizada; foi uma compensação por tudo aquilo que passara há bem pouco tempo, mas a compensação maior veio quando indicaram meu nome para membro da Academia Brasileira de Música. Eu poderia imaginar tudo, menos que uma bibliotecária fosse aceita nesse clã de musicólogos, compositores e intérpretes, mas eu cá estou.

Logo na administração do presidente Ricardo Tacuchian, me convidaram para fazer parte da diretoria, me deram o cargo de secretária e por sugestão dele e do Vasco Mariz surgiu a ideia de atualizar a Bibliografia Musical Brasileira, que tinha sido impressa pelo Instituto do Livro, em 1952, mas que precisava ser atualizada, pois só alcançava até 1950. Sentia-me na obrigação de aceitar esse convite, já que havia trabalhado anteriormente com Luiz Heitor e com Cleofe. O Luiz Heitor estava morto e a Cleofe, infelizmente, impossibilitada. Fui compelida, não imaginando o que isso representava de trabalho, mas foi um trabalho que valeu e me animou nesses quase cinco anos de pesquisa, com inteira convicção de que seria um instrumento muito útil para os estudiosos de música.

A Bibliografia Musical Brasileira II foi feita nos moldes do RILM, o Repertório Internacional de Literatura Musical para o qual eu já vinha colaborando há alguns anos. Usamos o mesmo questionário, mas foi preciso fazer uma adaptação. Foi criada então uma comissão consultiva para discutir essas adaptações: Edino Krieger, Ricardo Tacuchian, Vasco Mariz, José Maria Neves e Vicente Salles e aos poucos fomos acertando os ponteiros para resolver os problemas de adaptação.

A fase mais árdua foi colher o material; a colaboração dos autores, intelectuais e professores sempre foi muito difícil, eram poucos os que colaboravam, músicos então pouquíssimos. Mas, afinal, chegou o dia e lançamos no portal da ABM. a Bibliografia Musical Brasileira II.

Encerrando aqui, agradeço a todos os presentes pela paciência de ouvir esta minha “Trajetória”.